

Crescimento menor, inflação cai

OTIMISTAS, ECONOMISTAS ENDOSSAM A PREVISÃO DO MINISTRO JOSÉ SERRA DE UM NÚMERO ABAIXO DE 16% PARA A ALTA DOS PREÇOS EM 96

Este ano a economia vai crescer menos do que em 1995, mas a inflação anual deve cair de 23% para 15%, segundo a previsão de economistas. Eles consideram viável a previsão feita pelo ministro do Planejamento, José Serra, de uma inflação anual em 96 abaixo de 16%. Reduzir o déficit público e equilibrar a balança comercial são os principais desafios do governo. Mas o sucesso do Plano Real vai depender mesmo da aprovação das reformas tributária, fiscal e previdenciária.

A economia só deve voltar a crescer no segundo semestre. O primeiro trimestre deve ser o período mais difícil, em uma situação inversa da ocorrida em 95. Os prognósticos indicam que o Produto Interno Bruto (PIB) deverá crescer entre 2,5% e 3%, abaixo das taxas de 4% de crescimento da economia e de 5% para o setor industrial estimadas para 95.

Paulo Levy, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), órgão do Ministério do Planejamento, acredita que, à medida que se avançar no controle do déficit e as reformas forem sendo aprovadas, haverá espaço para redução dos juros e crescimento econômico.

“Teremos um início fraco e uma tendência de crescimento lento”, prevê Castelo Branco, da

CNI. Clarice Pechan acredita em uma redução dos juros a partir do segundo trimestre, “provavelmente transitória por um período de seis meses, coerente com uma política creditícia e monetária mais frouxa” e, em consequência, haverá um aquecimento da economia.

Já o ex-ministro Mário Henrique Simonsen prevê que as taxas de juros vão continuar em alta e que o governo “não terá outra saída que não seja buscar à exaustão o ajuste fiscal, que deve ser a sua prioridade em 1996”.

Edward Amadeo, da PUCE, não acredita em crescimento significativo. “Talvez passe um pouco dos 3%”, o que não ajudará na recuperação do emprego industrial. Lembrou que como todos os anos a oferta de mão-de-obra aumenta 2% sobre o total da força de trabalho, a pequena elevação da atividade econômica não será suficiente para reduzir o desemprego. Especialista nessa área e crítico do governo, Amadeo afirma que está havendo um pouco de exagero nas avaliações da magnitude das perdas do emprego industrial.

O nível de emprego deve manter no primeiro trimestre o ritmo de queda dos últimos meses de 1995, acompanhando a tendência de mercado. O quadro será mais grave nos setores mais expostos à concorrência externa.